

Mobilizar o mal-estar

Via [Viento Sur](#)

Os protestos de hoje em dia pela liberdade de Pablo Hasél não são uma coincidência. Eles são espontâneos, porque surgem através de um evento contingente, mas respondem à consciência de um setor da juventude que sabe que as coisas não vão bem. A liberdade neste país é um fato que está constantemente sob ameaça e nem sempre é livre de exercê-la. Esta evidência está entrelaçada com causas mais profundas. Há uma insatisfação totalmente legítima da juventude. As figuras do desemprego, uma classe política privilegiada, totalmente corrompida e a serviço dos interesses das elites econômicas e do sentimento de que o futuro será pior: este é o pano de fundo das mobilizações, assim como foi o pano de fundo da rebelião do povo de Linares contra os abusos policiais.

Queremos mostrar nosso apoio a estes protestos, hipocritamente atacados pelos porta-vozes do regime. Chamamos a participar deles: isto é o que a militância anti-capitalista tem feito. A súbita preocupação com o mobiliário urbano dos talk shows e políticos (que nunca dizem nada sobre os incêndios nas aldeias de Almeria e Huelva onde os trabalhadores agrícolas migrantes vivem na miséria) tenta criminalizar os protestos totalmente legítimos e esconder os problemas subjacentes. A repressão contra os protestos e a ação policial brutal mostram outro problema: o comportamento das forças de segurança do Estado que são cada vez mais corporativas, agressivas para a população e ligadas à agenda repressiva da extrema direita. As organizações policiais são o núcleo da base social organizada da extrema direita e este problema precisa ser resolvido. Eles aproveitarão a situação para reagir, tentar isolar o protesto social e tentar se fortalecer com a cumplicidade do establishment político e da mídia. Diante disso, precisamos de uma estratégia conjunta que nos permita expandir o campo de protesto, evitando o isolamento das lutas, ligando os

problemas em uma agenda própria.

No final, o que estamos vendo são as primeiras consequências de uma crise social que vai ser muito profunda e que, sem dúvida, terá importantes repercussões políticas. A tentativa do governo progressista de evitar qualquer tipo de mudança está se traduzindo em cada vez mais desinteresse entre as pessoas à esquerda. Podemos está tentando manter uma posição crítica sobre algumas questões (é mérito deles que, por enquanto, não se juntaram à criminalização do protesto), mas falta-lhes a força social para influenciar o futuro do governo. Isto contribui para seu desengajamento com a rua: estar no governo sob o comando do PSOE, como alguns de nós já advertimos, não está se traduzindo em alcançar melhorias sociais apreciáveis e está fazendo isso em uma perda de credibilidade.

Em resumo, estamos diante de uma situação explosiva. O cansaço social está se acumulando e os meses de pandemia tendem a acrescentar mais tensão a uma situação já tensa. A partir da esquerda social e política, precisamos de uma estratégia diante da nova situação. Junto com as mobilizações espontâneas dos jovens, uma multidão de demandas pendentes se acumula: a defesa da moradia, a doação de fundos europeus ao grande capital, o fracasso das políticas sociais como a Renda Mínima de Vida, a privatização da saúde pública, a não revogação da reforma trabalhista, a luta pelas liberdades... Nenhuma demanda deve ser abandonada: elas fazem parte do mesmo problema, a incapacidade do sistema de dar uma resposta à crise atual. Estamos conscientes de que a esquerda não está no seu melhor e que as fendas internas e a desconfiança mútua fazem parte da equação. Não vamos cair na cilada burocrática de exigir a unidade da esquerda, e muito menos em torno deste governo progressista fracassado. O que precisamos urgentemente é transformar estes impulsos das ruas em iniciativa e construir uma agenda própria, o que impede que a extrema direita esteja estruturalmente na ofensiva. Isto significa evitar o

isolamento dos protestos, ampliando-os e envolvendo cada vez mais setores sociais.

Neste sentido, acreditamos que existe uma necessidade de reflexão estratégica à esquerda. Para construir esta agenda social a partir de uma base comum, é necessário um mínimo de generosidade, confiança e abertura de espírito. A esquerda política e social deve sem dúvida apoiar os protestos destes dias e condenar a violência policial. Mas também dar um horizonte. Este não é nosso governo, mas devemos exigir que ele cumpra suas promessas e governe para o povo trabalhador. Na época, as marchas da dignidade desempenharam o papel de unificar as demandas e mobilizações. O plano de choque social foi uma tentativa de fazer isso no início da pandemia. Sabemos que o momento é diferente, e que a composição da situação é muito diferente. Estamos conscientes de que isto não será alcançado imediatamente, mas é hora de abrir a discussão pública. Mas o horizonte ainda é útil: unificar as demandas sociais, exigir que sejam atendidas e dominar a agenda pública para evitar o isolamento.